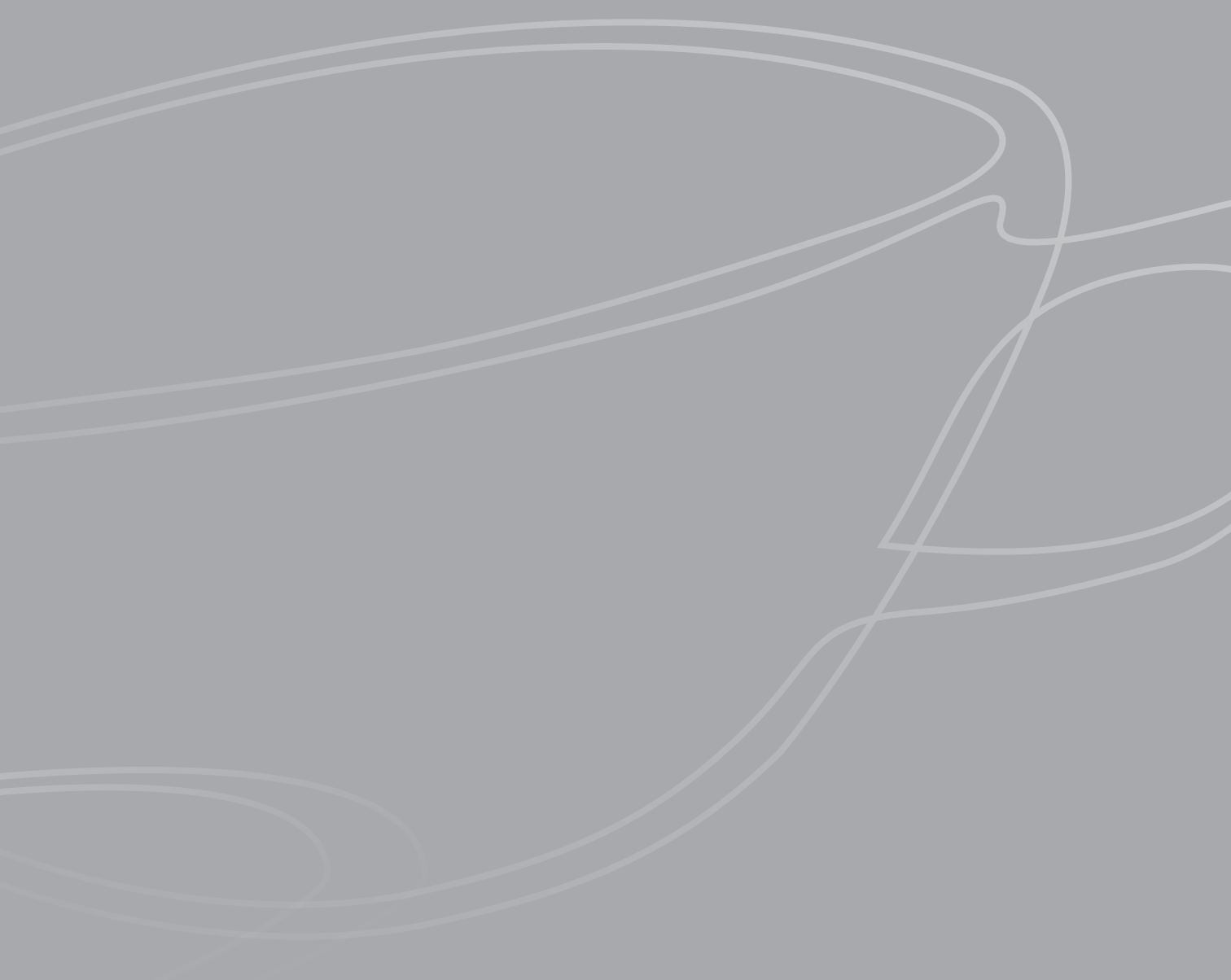


□ café

# Café Teatral



Para esta seção do *Caderno de Registro* convidamos o professor Eduardo de Paula para falar sobre os seus 15 anos como docente no Macu. Em formato um pouco diferente, já que como diz Márcia Azevedo, organizadora do Café, os encontros se caracterizam pelo “bate-papo”, o artigo apresenta de modo muito sensível uma das etapas da trajetória desse mestre.

E, para além da troca evidente, a publica-

ção que segue pretende homenagear o professor que tanto contribuiu para a formação de nossos alunos, com a certeza de que os seus anos de experiência no Macunaíma também o ajudarão a enfrentar os desafios de sua nova jornada como docente no Curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia.

Boa sorte Edu! É o que todos do Teatro Escola Macunaíma lhe desejam!

# ...de uma ponte a outra: a trajetória do ensino-aprendizado talhada no caminhar – ou: saia para tomar um picolé e experimentar a vida!

POR EDUARDO DE PAULA



FOTO: ANDRÉ LUIS DA SILVA

Advertência: irei divagar; fazer curvas e desviar e encontrar e... Não estou preocupado em ser coerente... As memórias surgem aos saltos, vem e vão. E assim será a estrutura desta escrita, pois no fundo, em sua essência, fala de mim em um tempo e lugar específico: o Teatro Escola Macunaíma. Espero que o leitor interessado faça as devidas conexões, se delicie ou saia para tomar um picolé e experimentar a vida! Não sei onde irei chegar...

Vou começar pelo impulso primeiro. No início de fevereiro recebi o seguinte e-mail:

*“Oi Edu, tudo bem querido?”*

*Como andam os preparativos para a vida nova?????*

*Falei com a Debora<sup>2</sup> hoje sobre o Caderno de Registro e ela disse que gostaria que você escrevesse alguma coisa como “despedida” e sugeriu que contasse sobre sua trajetória no Macu, para entrar na seção Café teatral. Eu achei bem interessante, o que você acha?*

*Um beijo,  
Roberta<sup>3</sup>”*

...um convite, pensei! Uma possibilidade para viajar nas memórias e lembrar fragmentos da trajetória percorrida nestes muitos anos de exercício docente no Teatro Escola Macunaíma<sup>4</sup>, as inúmeras alegrias e as infindáveis agruras que todo orientador de grupo enfrenta nas diferentes jornadas que se apresentam de tempos em tempos, nos sucessivos ciclos semestrais e seus nunca finitos “recomeços”. Quero enfatizar que este texto não se trata apenas de ficar teorizando o caminho percorrido, mas principalmente do relato

Edu de Paula. Foto: André Luis da Silva.

1 Recebido em 18 de Fevereiro de 2013.

2 Debora Hummel, coordenadora do Teatro Escola Macunaíma.

3 Roberta Carbone, professora e responsável pela revista “Cadernos de Registros”, do Teatro Escola Macunaíma.

4 Neste texto, também irei me referir ao Teatro Escola Macunaíma, apenas como Macunaíma ou, simplesmente, Macu.

de encontros com distintas pessoas – artistas, pedagogos, alunos, gente inquieta, em movimento constante pela busca de caminhos pessoais para os diferentes processos de preparação e criação do aprendiz de ator e, sem dúvida, para o crescimento pessoal.

Minha relação com o Macunaíma começou quando eu ainda cursava o último semestre do Curso de Artes Cênicas (ECA-USP; 1998). Naqueles tempos, eu ficava angustiada pensando no futuro, nos trabalhos que poderiam ou não se apresentar para que eu pudesse me sustentar na cidade de São Paulo. Acredito que o período de formatura seja um momento de grande desestabilidade para todos os estudantes, pois sempre encontro muitos deles aflitos pelos corredores das escolas questionando o que será do futuro. O que será do futuro?! Hein?!

... Aconteceu que distribuí inúmeros currículos pelas escolas de teatro de São Paulo e acabei sendo chamado para uma entrevista no Macunaíma. Lembro **quase** muito bem daquele dia: nosso querido e saudoso Nissim Castiel, diretor da escola, sentado informalmente fora de sua mesa, e Debora Hummel, coordenadora, de pernas cruzadas sobre a cadeira e tomando coca-cola de canudinho! **Quase** relaxei um pouco! Mas a bem da verdade, entrevista de emprego é um momento bastante tenso! Claro que eu estava nervoso e, pelo nervosismo, me dirigia ao Nissim chamando-o de “Nissinho” – pois era como eu havia entendido ser o nome dele! Mas isso de nada atrapalhou nossas conversas, pois alguns dias depois fui informado que havia sido selecionado para compor o quadro docente da escola. A angústia anterior aliviou-se um pouco e pude terminar a graduação com um pouco mais de tranquilidade ao ter conseguido emprego.

Com meu grupo<sup>5</sup> na universidade tínhamos um foco bastante preciso sobre o trabalho do ator centrado nas proposições de Jerzy Grotowski e no Teatro Antropológico<sup>6</sup>, o que me permitia uma prática que privilegiava o trabalho corporal do ator,

um tipo de expressividade não cotidiana, porém crível e extremamente teatral. Com uma das montagens<sup>7</sup> que fizemos ganhamos alguns festivais de teatro importantes, como o *Septème Festival Internacional de Théâtre Etudiante*<sup>8</sup> e o IV Festival de Teatro Físico-Visual<sup>9</sup>. Este, em especial, nos levou a participar do Festival de Curitiba/Fringe (2001) e do *Edinburgh Festival*<sup>10</sup>/Escócia. Dessas experiências o que permaneceu em mim foi um tipo de memória instalada na musculatura e na qualidade das ações, que sinalizavam um caminho possível para a pedagogia do ator.

Foi então que a trama começou a ser tecida, pois eu tinha que me colocar em relação a um lugar que na sua base, ou melhor, em seu projeto pedagógico, apoiava-se nas proposições de Stanislavski<sup>11</sup> – algo, diga-se de passagem, pouquíssimo aprofundado em minha graduação. Para um recém-formado as distintas práticas podem até parecer conflitantes ou pouco convergentes entre si, o que não é bem verdade, pois em seus princípios elas muitas vezes chegam a se tocar. Um alívio: em uma das inúmeras reuniões que participei no Macunaíma, o Nissim nos presenteou como a declaração que os docentes deveriam sim abordar o conteúdo pedagógico proposto pela escola, mas sem perder as suas raízes ou abandonar o que acreditavam.

Pelo meu breve histórico, naqueles tempos, acabei ministrando aulas de Interpretação e Corpo por serem as áreas mais próximas à minha experiência – o que acabou tornando possível a revisão e reflexão daquilo que verdadeiramente havia se instalado em mim e continuava fazendo sentido e apontando caminhos para o que mais me interessava: os processos de preparação e criação do ator.

Hoje tenho plena consciência que Stanislavski, Grotowski e Barba, “são pilares de uma mesma tradição, de um tipo de fazer teatral focado no ator criador e nas ações físicas” (Ferracini, 1999), o que permite observar as particularidades de cada um destes homens de teatro e ainda perceber algu-

5 Em Cia de Estranhos (1998 – 2001).

6 Eugenio Barba.

7 “Em lugar algum”. Direção Beth Lopes, 1998 - 2001.

8 Promovido pelo Departamento de Teatro da Sorbonne Paris IV, Nanterre, França, 1999.

9 Este festival de teatro foi extinto. Era promovido pela Cultura Inglesa/SP.

10 2001.

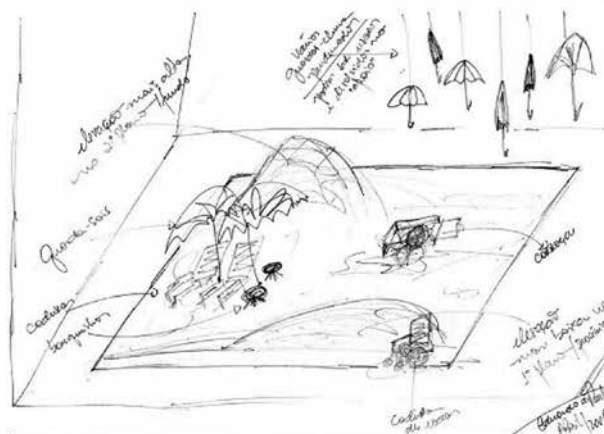
11 Constantin Stanislavski, 1863 – 1938.

mas conexões entre os princípios de trabalho colocados em jogo por eles – como, por exemplo: “verdade/verossimilhança” com “doação/entrega” e “equivalência/crível” –, tornando as suas preocupações estímulos para o avanço e aperfeiçoamento na abordagem de caminhos possíveis e facilitadores do trabalho do ator.

Acredito que todas as profissões devam estar relacionadas ao desejo de cada indivíduo. Escrevo isso porque me lembro de outra fala do Nissim explicitando que a única “peneira” do Macunaíma é a porta de entrada: ela se mantém sempre aberta! Quem vem, vem porque tem desejo. Quem sai, sai porque também assim o quer, ou senão, porque terminou seu tempo na escola e se formou, sendo assim, sai porque a jornada foi percorrida. É como na “instituição Vida”: cada um deve ser livre para fazer aquilo que bem tem vontade, e isso é um princípio Ético relacionado ao direito de alegria, felicidade e realização<sup>12</sup>.

Não gostaria de começar nenhuma frase com a palavra “não”. Mas esta começou assim! Se eu tivesse que elencar nomes dos colegas que se tornaram verdadeiros amigos, de ex-alunos que se tornaram mais do que parceiros de trabalho, mas amigos mesmo, com laços de verdadeiro afeto... a lista poderia ser longa demais, além de correr o risco do esquecimento do nome de alguém. Mas sei que, verdadeiramente, cada um sabe o pedaço que ocupa ou não no coração do outro.

Nos últimos anos, logo no primeiro dia de aula, tenho conversado e tomado nota sobre os desejos dos alunos para no final do semestre perceber as realizações alcançadas e as possíveis mudanças ocorridas. Nestas ocasiões gosto de deixar que os alunos me sabatinem com perguntas relacionadas ao ofício teatral. Em uma ocasião, fui questionado sobre o que eu esperava dos alunos. Não pensei muito e, em um primeiro momento, respondi: Nada! E continuei: não espero nada porque vocês chegaram aqui motivados pelo próprio desejo, então cada um deve se colocar em ação para conquistar os determinados quereres pertinentes às vontades pessoais e lembrar que, a par-



*Projeto de espaço cênico desenhado por Edu de Paula para a peça “Ilusões: todas as esperanças estão mortas” (2008), apresentada no Teatro Escola Macunaíma.*

tir de agora, as vontades pessoais passam também a ser coletivas porque estão inseridas em um contexto de coletividade, o que significa que cada um passa a ser também responsável pelo desejo do outro. E isto é um desafio: a manutenção dos desejos pessoais e o cuidado com os desejos dos outros, pois em um coletivo de indivíduos todos se afetam mutuamente. Mas em um dado momento – sabe quando você está falando e ao mesmo tempo refletindo sobre inúmeros aspectos que vão surgindo de sua fala e um emaranhado de muitas questões começa ao mesmo tempo se passar pela sua cabeça na tentativa de encontrar conexões, respostas e encaminhamentos mais eficazes ou que pelo menos ilumine a caminhada dos ouvintes e mantenha-os motivados? Então... – algo aconteceu que resolvi mudar a minha fala e passei a declarar que esperava algo **sim** dos alunos. Falei que esperava que cada um se colocasse no jogo de cena por inteiro, que se entregassem com verdade e inteireza ao que então tinham decidido fazer: **Ser Ator!** Porque **Ser Ator** não é fácil, não é uma coisa que se faz para “lustrar o ego” ou para “acentuar as vaidades”, pois é um ofício que pede extrema disciplina, coragem e, acima de tudo, **entrega**. E essas qualidades ninguém pode dar ou receber, é uma luta obter essa qualidade, ou se conquista ou não se conquista, vai depender da vontade de cada um em se colocar por inteiro em um tipo de ação que, verdadeiramente não se sabe ao certo aonde vai dar. Então é preciso correr

<sup>12</sup> Como muito bem colocado pelo filósofo Luiz Fugante em uma das reuniões de planejamento semestrais.



FOTO: ARQUIVO DO MACU

*Oficina coordenada por Edu de Paula no Teatro Escola Macunaíma: Da Máscara Neutra à Máscara Expressiva (2009). Foto: Arquivo do Macu.*

riscos, aceitar o imprevisível, jogar o jogo.

Ao escrever essas palavras, agora, meu coração dispara um pouquinho... Sei que este texto também é algo **quase** como uma “despedida”, mas a bem da verdade, o que sinto é como se eu estivesse em “período de afastamento”! Com isso meu coração ficou mais calmo e eu até fiquei com vontade de rir! Vamos adiante, pois o fim é certo, já estava anunciado desde o início.

Lembro-me de inúmeras montagens que dirigi nesta escola, mas me contento em citar apenas duas: a primeira, “A escada”<sup>13</sup> e, a última, “Fogo nas entranhas”<sup>14</sup>. Em ambas obtive não apenas resultados satisfatórios, mas principalmente aprendizados extremamente significativos para as minhas inquietações momentâneas, pois corroboro com a ideia de que “cada espetáculo encena uma resposta – resposta provisória, parcial, participante” (Fabião, 2009). Um resultado cênico acumula um universo gigantesco de experimentações, exercícios, cenas, improvisações, estudos, inúmeras possibilidades que ficam latentes nos corpos envolvidos na experiência, mas que, infelizmente, pouquíssimas vezes se dão a ver aos olhos dos espectadores. E talvez seja o processo de criação o tempo e o espaço de maior valor, de real aprendizado – claro, sem perder de vista que o encontro com o espectador é fundamental e parte integrante de todo processo, pois nessa relação reside um aprendizado essencial para o exercício do ator.

Em um dos Cafés Teatrais que fiz, discuti sobre uma noção que ainda me inquieta: “**O Ator-Artista-Criador**”. Coloco essa questão nesse momento porque brevemente pretendo terminar essa escrita, mas não sem antes deixar “uma pulga solta”! Acredito que muitos de nós, apoiados em uma ideia de “Ator-Criador”, em algum momento acabamos debatendo com nossos alunos a importância do ator se colocar de maneira propositiva nos processos de trabalho que estão inseridos. Quando pensei em desenvolver essa reflexão a partir de tal tema, quis inserir **Artista** porque, para mim, a noção de **Artista** é mais ampla do que simplesmente a de “Ser Ator”. Percebo o Artista como um ser inquieto, propositivo, que se coloca no jogo de modo a aceitar correr todos os riscos, e principalmente, porque se coloca nos processos criativos “metendo a mão na massa”, se exercitando em todas as áreas do fazer teatral. Se ele não se percebe capaz de executar seja lá o que for, certamente irá tentar, irá se arriscar na tentativa de crescer artisticamente, lapidando suas habilidades e, conseqüentemente, contribuindo com as diferentes etapas da produção de um espetáculo – e não ficando simplesmente apenas restrito pelas responsabilidades da área de ator, mas se posicionando como Artista!

Se você está lendo este texto até agora, significa que está interessado e ainda não saiu para tomar um picolé! Então, concentre-se só mais um pouquinho! Já estou quase finalizando.

No último Café Teatral que participei<sup>15</sup>, entre outros pontos chave para o trabalho teatral – e posso dizer que para a vida também –, resolvi refletir sobre o “assim”, o “irreparável” e “o ser qualquer” (Agamben, 1993). O “assim” para que fiquemos bem atentos aos processos relacionais e deixemos de pensar que o outro é um ser estagnado ou “irreparável”, fadado a agir sempre da mesma maneira, um produto acabado, predestinado a ser sempre do mesmo modo. Não, isso seria tacanho demais! Direcionando ao nosso campo de ação, tanto professores quanto alunos devem se per-

<sup>13</sup> Texto de Jorge Andrade; montada no Teatro 3, em dezembro de 1998.

<sup>14</sup> Baseada no texto de mesmo título, escrito por Pedro Almodóvar; montada no Teatro 4, Novembro de 2012.

<sup>15</sup> Intitulado “O Artista que Vêm” (Novembro de 2012); com o acento circunflexo sim, pois o quero de modo plural.



ceber mutuamente como seres em movimento, em constante [re]elaboração. Um professor não é um “assim”, muito menos um “irreparável” – ou pelo menos não deveria ser! Há momentos que paradigmas devem ser quebrados, cair por terra. Não há nenhuma verdade absoluta, não há um só caminho que seja melhor que todos os outros. “**O ser qualquer**” não é “o ser qualquer ser” (Agambem, 1993), no sentido de um “qualquer” pejorativo, que nos levaria a concluir que qualquer indivíduo pode ser isso ou aquilo. Ou então, no sentido específico à nossa área, quando não estamos satisfeitos com **o novo**, olhamos para ele com desdém e, preconceituosos pensamos que o tal ser que veio movido pelo desejo, não seja digno de ocupar tal posição. Mas, espera aí! Esse ser que chegou até tal lugar, movido pelas próprias pernas, pode tudo, pois ele, “o ser qualquer”, a bem da verdade é um ser “**o qual[que]quer**” (op. cit.), ou seja, é o próprio **ser do desejo**. Sendo assim, é bom que tenhamos o devido **respeito** ao olhar para o outro e saber deixar o tempo operar os processos necessários para que cada um, ao se relacionar com os desejos, acabe lapidando suas potencialidades.

Então, já que aqui estamos, **sejamos!** É preciso que todas as aulas e todos os ensaios possam ser, verdadeiramente, um lugar de **confronto** – no sentido Ético que convida todos os indivíduos a colaborar para a plena realização de si e do coletivo, daqueles que querem e desejam algo que pode até ser comum. Então, que as aulas e os ensaios possam ser **este lugar**, para que talvez possa haver verdadeiro **encontro**.

Quero fechar este breve texto utilizando duas citações. A primeira: “**Teatro não é bombom com licor**” – que muito embora eu nunca tenha realmente encontrado a referência bibliográfica específica, dizem ser de Nelson Rodrigues, sendo assim, continuo a afirmar o que me foi passado, pois concordo muito com ela, com uma ressalva: sempre tento saborear no bombom seus gostos e

quicá poder encontrar seu licor! A segunda é mais para encorajar os artistas em processo de preparação e criação, ou em fase de “crise criativa”<sup>16</sup>: “**A tua água ninguém pode oferecer-te.**” (Barba, 1994, p.74). Ambas as citações servem para simplesmente reiterar que cada indivíduo deve ser consciente de que é senhor de suas próprias ações e desejos. Por isso, é preciso cuidar deles, sem deixar de ousar e arriscar. E lembrar que o **erro** sempre será parte integrante e constitutiva de todo aprendizado. No teatro sempre será possível jogar outra vez e recomeçar – mas, seja lá o que você decidir fazer, faça com todo seu ser, com doação e entrega.

Isso não é nenhuma “pegadinha”! Eu estava quase colocando o ponto final nesta escrita, quando lembrei um fato muito importante. Tem a ver com **acreditar**. Certo dia, quando eu estava no meio do desenvolvimento de minha pesquisa de mestrado<sup>17</sup>, ministrei um workshop para o grupo de novos professores no Macunaíma. Aconteceu que o Nissim, que andava com saúde fragilizada naqueles tempos, pouco conseguia estar presente entre nós, mas naquele dia ele foi ao Macu e resolveu ficar observando as dinâmicas por mim propostas. No breve intervalo conversamos sobre o tema da minha pesquisa e ele, com nítido prazer ao ouvir as minhas proposições, no final daquela breve conversa sorrindo disse: “Vai dar certo, você vai ver! **Vai dar tudo certo!**” E eu, pela confiança depositada, fiquei inundado de alegria e acreditei! Acho que é muito importante estarmos convencidos de nossas próprias escolhas – mesmo se em determinados momentos acabamos duvidando um pouco delas. Seguimos com workshop... Mas, o mais importante foi ouvir aquelas palavras. Guardo com muito carinho esta lembrança e percebo o quanto é importante ouvir nossos alunos e contribuir no fortalecimento de seus desejos.

Nestes últimos anos, tive a confirmação da minha vocação: desejei demais me tornar professor universitário. Sentia necessidade de outros desa-

16 Os interessados em se debruçar sobre a noção de “crise criativa” podem recorrer ao livro de Jorge Albuquerque Vieira, “Teoria do Conhecimento e Arte: formas de conhecimento – arte e ciência uma visão a partir da complexidade”. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2006.

17 O Ator no Olho do Furacão: metáforas norteadoras para o trabalho criativo do ator. PPGAC-ECA/USP, 2011.



Peça dirigida por Edu de Paula no 2º semestre de 2012.

fiões, de novas conquistas e acabei descobrindo que precisava realmente estar em um lugar movido, que fizesse com que eu me movimentasse de outras maneiras. Por hora, acho que consegui. Estou agora em um lugar que sei que o “**não sei**” também orienta minhas ações, e vou tendo que aos poucos [re]aprender... Tenho conseguido também estar um pouco mais próximo da natureza e, nessas ocasiões, sinto-me em casa, à vontade com o entorno. Se Felicidade é coisa passageira ou construída não sei, mas as minhas conquistas momentâneas tem me proporcionado bastante esse estado. Acredito que ela não esteja em um lugar específico, talvez apenas latente lá dentro de nós. Pouco importa se você leitor achar piegas este trecho do texto, porque quero ainda afirmar que tenho plena consciência que na maioria das vezes filtro o mundo por uma lente meio “Poliana” e faço questão de cuidar muito bem dela – mesmo se de tempos em tempos tenho que usar um bom desmachaço para limpá-la!

“Enquanto, a tempestade lá fora,  
Se faz violenta,  
E nesta tormenta as águas invadem as ruas,  
Enquanto, o céu desaba nas nossas cabeças,  
E a humanidade adormece,

E a loucura das preces a Deus atormenta,  
Enquanto, as letras áridas deste pranto,  
Assustam tua família,  
E te obriga a trancar-se no lar,  
Eu danço no meio da chuva,  
Eu prefiro é sair na rua,  
Eu escolho participar da vida,  
Pois por mais que seja doida,  
Ainda é melhor do que vê-la passar,  
[...]

Enquanto...”<sup>18</sup>

Agora, deixe-me ir para a sorveteria, porque aqui no cerrado é calor demais!

Evoé!

Uberlândia/MG, Março de 2013

#### REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

- AGAMBEN, Giorgio. *A comunidade que vem*. Lisboa: Editorial Presença, 1993.
- BARBA, Eugenio. *A Canoas de Papel – tratado de antropologia teatral*. Campinas: Hucitec, 1994.
- FABIÃO, Eleonora. “Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea”. In: FLORENTINO; TELLES (Orgs.). *Cartografia do ensino do teatro*. Uberlândia: EDUFU, 2009, pp. 61-72.
- FERRACINI, Renato. *Os Pais Mestres do Ator Criador*. Campinas: Revista do Lume, 1999.

*José Eduardo de Paula foi professor no Teatro Escola Macunaíma de 1998 a 2012. Atualmente é docente do Curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia (IARTE-UFU) e doutorando em Artes Cênicas – área: Pedagogia do Teatro/formação do artista teatral, tese intitulada “Jogo e Memória - o procedimento do Círculo Neutro como base para os processos de preparação e criação do ator/performer”; (PPGAC-ECA/USP). Integra o Centro de Pesquisa em Experimentação Cênica do Ator (CEPECA), coordenado pelo prof. Dr. Armando Sérgio da Silva (CAC/ECA-USP). Preocupa-se com o fazer teatral voltado para o desenvolvimento e formação das potencialidades do ator/performer. Contato pelo e-mail: edu.edepaula@gmail.com. ■*

18 “Tempestade”, Letra e Música de Camila Brumatti/2008.